

A contribuição da extensão para a formação integral do discente e valorização de identidades locais

The contribution of extension for the integral formation of the students and enhancing local identities

La contribución de la extensión para la formación integral de los estudiantes y valoración de las identidades locales

Recebido em: 23/04/2018
Aceito em: 03/10/2018

RESUMO

Analisa algumas experiências em projetos de extensão desenvolvidos no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins e vinculados a disciplinas por meio da observação participante e da análise documental. As experiências apontam para a atuação do ensino em jornalismo por um lado em uma dimensão sociocultural, que insere o contexto social do lugar e, com isso, pode promover uma experiência mais holística e comprometida com a realidade do estudante em sua formação como Jornalista; e, por outro, uma didática, efetivada nas múltiplas estratégias de ensino-aprendizagem que as atividades de ensino-extensão proporcionam. Tais experiências evidenciam a busca pela revitalização da função social do jornalismo e demonstram a proximidade desta área com a extensão universitária, a qual também se configura como espaço de *feedback* para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Extensão Universitária. Jornalismo. Cultura local. Tocantins

ABSTRACT

This paper investigates some experiences with extension projects developed in the journalism course at the Federal University of Tocantins, linked to disciplines. We use as methods content analysis and the participant observation. The experiences point to the role of education in journalism in two dimensions: a socio-cultural, which inserts the social context of place and can promote more holistic experience and committed to the reality of the student in his training as journalist; and a didactic, effective in multiple learning strategies that teaching and extension activities cited provide. These experiences highlight the search for revitalization of the social function of journalism, demonstrating the closeness of this area with the university extension and indicate the extension as a space for feedback to the society.

KEYWORDS

Education. University extension. Journalism. Local Culture. Tocantins.

RESUMEN

El artículo investiga algunas experiencias con proyectos de extensión desarrolladas en el curso de Periodismo de la Universidad Federal de Tocantins, ligadas a disciplinas administradas a través de la análisis de contenido y la observación participante. Las experiencias señalan a la actuación de la enseñanza en periodismo en dos dimensiones: una sociocultural, que introduce el contexto social del lugar y con eso puede promover una experiencia más holística y comprometida con la realidad del estudiante en su formación como Periodista; y una didáctica, efectiva en las múltiples estrategias de aprendizaje que las actividades de enseñanza-extensión proporcionan. Tales experiencias evidencian la búsqueda por la revitalización de la función social del periodismo, demuestran la proximidad de esta área con la extensión universitaria e indican la extensión como espacio de *feedback* para la sociedad.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza. Extensión. Periodismo. Cultura local. Tocantins.



Verônica D. Meneses

Doutora, professora de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
veronica@uft.edu.br

Fábio D'Abadia de Sousa

Doutor, professor do curso de Jornalismo da UFT.
dabadia@uft.edu.br

Wolfgang Teske

Doutor, professor no curso de Jornalismo da UFT.
professorteskeuft@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Jornalismo na contemporaneidade experimenta desafios constantes tanto por parte dos docentes quanto dos discentes, incluindo nesse contexto a própria gestão das faculdades que precisam lidar com as cada vez mais rápidas transformações sociais e tecnológicas e, conseqüente, nos modos de se informar, se comunicar e se sociabilizar, que têm transformado as pessoas em potenciais sujeitos produtores de informação, de certa forma até mais do que consumidores. Neste contexto estão os desafios do estágio e das atividades laboratoriais nas escolas, do recorrente debate sobre disciplinas de ordem mais técnicas ou humanistas e, incluímos, da inter-relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão uma vez que este é o tripé que move a Universidade pública.

A extensão muitas vezes é negligenciada na Universidade, embora seja uma prática que se interliga às duas outras (ensino e pesquisa) e que contribui para favorecer a inserção social dos diversos campos trabalhados nas instituições de ensino superior no Brasil. Os produtos laboratoriais podem, neste sentido, envolver mais a sociedade, especialmente em se tratando de uma realidade ainda com diversos problemas de alfabetização, plena e funcional¹.

Elencamos aqui algumas das práticas dos cursos de Jornalismo relativos a este contexto no sentido de refletir sobre uma formação mais integral do futuro jornalista a partir de uma visão da comunicação mais crítica e menos instrumental. O jornal laboratório é uma destas práticas, uma vez que o texto impresso é item relevante para a boa formação profissional do jornalista, em virtude de que ainda é o meio que promove “organização de produção, de forma sistemática e rotineira”, e ainda permite um *feedback* especial obtido junto ao público com a distribuição face a face além de uma experiência mais efetiva da própria função social do jornalismo (XAVIER; BRONOSKY, 2016). Outras disciplinas práticas ou teóricas também podem se apropriar do espaço social para implementar ações de ensino e extensão que possam contribuir para a formação mais holística do futuro jornalista, inserido nas questões contemporâneas e nas realidades socioculturais, especialmente em seu entorno.

A partir destas observações, a responsabilidade das instituições formadoras nas áreas da comunicação amplia-se. As considerações aqui desenvolvidas são fruto de uma série de observações a partir de experiências com a docência no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e tomaram como recorte, a saber: as atividades extensionistas desenvolvidas particularmente nas disciplinas Comunicação Comunitária/Jornalismo e Cidadania, Folkcomunicação e Fotojornalismo.

O objetivo central deste trabalho é discutir o papel da extensão e de projetos que envolvem comunidades no ensino de jornalismo para o desenvolvimento local, por meio da mobilização de aspectos identitários e emancipadores das comunidades, além de identificar as características que perpassam estes processos educativos por meio dos quais tais projetos devem se pautar. A partir de pesquisa documental e dos depoimentos de estudantes bem como dos relatos dos docentes participantes dos projetos foi possível analisar a efetividade da prática extensionista vinculada a disciplinas da matriz curricular do curso de Jornalismo da UFT.

¹ “A população brasileira classificada como alfabetizada, por sua auto-declaração nos censos oficiais, nem sempre está capacitada com habilidades de escrita, leitura e interpretação de textos e números para compreender o contexto socioeconômico no qual está inserida”. (BERLINER, M. R. **Avaliação do indicador nacional de alfabetismo funcional**. Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação). Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, 2010, p. 5-6).

Assim, partimos do princípio de que projetos de extensão vinculados às práticas do ensino de jornalismo são espaços onde ocorrem trocas simbólicas, contribuem para construir laços de pertencimento e reconhecimento na comunidade e podem se tornar importantes instrumentos de ensino para os docentes, de formação para os alunos e de visibilidade e cidadania para as comunidades.

2 O COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E COMUNIDADES

A finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia-a-dia [...], os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma coisa mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas.

Com esta afirmativa, Kovach e Rosenstiel (2004, p. 30) observam que o jornalismo cria tendências, é a “cartografia moderna” em que o envolvimento e a relevância devem guiar a abordagem das notícias, embora estas devam ser apresentadas de forma proporcional e compreensível, ou seja, devem ser plurais e serem divulgados para o entendimento das audiências. Segundo os autores, “precisamos de notícias para viver nossas vidas, para nos proteger, para nos ligarmos uns aos outros, identificar amigos e inimigos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 18).

Nestas assertivas verificamos grande responsabilidade do Jornalismo para a vida das pessoas, de forma que se liga intrinsecamente às suas histórias. Partindo do princípio de que “a principal finalidade do Jornalismo é fornecer ao cidadão as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”, “talvez no final das contas o jornalismo simplesmente signifique ampliar e levar adiante as conversas das pessoas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 31), e assim está estritamente vinculado ao conceito de comunidade e de democracia.

Certas realidades convivem com contextos de pobreza e esquecimento pelo poder público, como as problemáticas urbanas de comunidades e setores à margem do desenvolvimento socioeconômico e cultural; mas também de diferenciações, como a cultura e as identidades de comunidades tradicionais e suas específicas formas de manifestações. Bauman defende que os conceitos de identidade e de pertencimento atualmente estão mais associados às escolhas dos indivíduos, mas ao mesmo tempo tais conceitos não subjugam a força das demandas coletivas, de identidades mais essencialistas, que inserem o sujeito em um amálgama social e cultural.

A ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais - mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 20)

Acreditamos assim que é um diferencial do bom profissional o entendimento destas diferenciações culturais, quer seja para melhor compreender as motivações e demandas de um grupo ou comunidade, quer para melhor se inserir nestas realidades em busca de informações. Nestes termos, torna-se inerente ao exercício do jornalismo a compreensão do outro e a imersão em relações de trocas e dádivas. O exercício do jornalismo também se processa por estas relações de obrigatoriedade do dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003).

Há um complexo de obrigações que perpassam o viver em comunidade, o pertencer, mas também o agir sobre ou com. Segundo Esposito (2000), o termo latino *communitas* é formado a partir dos vocábulos *cum munus*. *Cum*, quer dizer com, o que nos coloca em relação com os outros e, portanto, vai nos ligar ao *munus*. Já o termo *Munus* tem três sentidos: *onus* (ônus), *officium* (ofício) e *donum* (doação). Embora *onus* e *officium* estejam associados à ideia de dever, também *donum* pode estabelecer esse sentido, à medida que significa uma doação particular, obrigatória porque envolve a ideia de reciprocidade.

Se o jornalismo perdeu o rumo de casa, isso se deve em grande parte ao fato de que perdeu significado para as vidas das pessoas [...] os jornalistas perderam a confiança para tentar fazer as notícias mais compreensíveis e proporcionais [...], os públicos contemporâneos se vêem diante de um jornalismo com espaços igualmente em branco no lugar de grupos demográficos pouco interessantes ou assuntos difíceis de investigar". E mais: "Esperamos haver encontrado um grupo de novos cartógrafos que desenvolvem ferramentas para mapear a vida das pessoas de hoje e as necessidades de notícias criadas por essas mesmas vidas. (KOVACH.; ROSENSTIEL, T., 2004, p. 269)

Os meios de Comunicação estão, neste sentido, envolvidos em relações de pertença com a comunidade. A extensão é um dos processos na formação do jornalista que mais pode vinculá-lo às comunidades. Atores envolvidos na execução de ações de extensão acadêmica, ou universitária, passam por diversas limitações, entre eles a falta de recursos, a necessidade de comprometimento e envolvimento de pessoas e dos públicos envolvidos nas etapas de planejamento, execução e avaliação das ações, entre outras. Aspectos que já estão implícitos na própria história da extensão no Brasil, conforme explica Paula (2013, pp. 5-6),

17

Das três dimensões constitutivas da universidade, a extensão foi a última a surgir, seja por isso, seja por sua natureza intrinsecamente interdisciplinar, seja pelo fato de se realizar, em grande medida, além das salas de aulas e dos laboratórios, seja pelo fato de estar voltada para o atendimento de demandas por conhecimento e informação de um público amplo, difuso e heterogêneo, por tudo isso, talvez, as atividades de extensão não têm sido adequadamente compreendidas e assimiladas pelas universidades.

João Antônio de Paula, ao resgatar os contextos do surgimento da extensão nas universidades, relata que o próprio conceito ou termo extensão foi tensionado. No contexto de grandes lutas e movimentos reformistas no Brasil a partir de 1950, que abrangeram "nossa literatura, nosso teatro, nossa música popular, a Universidade, a cultura brasileira como um todo" (PAULA, 2013, p.16), Paulo Freire, a partir do Serviço de Extensão Universitária da Universidade de Recife, manifestou-se pela integração da universidade aos problemas nacionais, no sentido de que o que se projeta é uma comunicação efetiva entre a sociedade e a universidade, enquanto o termo extensão "é criticado por suas implicações unilaterais e invasivas para dar lugar a uma prática, a uma cultura, necessariamente, dialogal, educativa e comunicacional" (PAULA, 2013, p.17). O autor contextualiza:

De fato, é com Paulo Freire que a universidade descobre e desenvolve instrumentos que a aproximam dos setores populares, tanto mediante a ação concreta de alfabetização, quanto mediante a elaboração de metodologias de interação entre o saber técnico-científico e as culturas populares, de que

é exemplar manifestação o livro "Extensão ou Comunicação?", de 1969 [...]. (PAULA, 2013, p.17)

Complementa, citando Freire, que o Conhecimento

[...] Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demonstra uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o "como" de seu conhecer e os condicionamentos a qual está submetido seu ato. [...] Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 2010 apud PAULA, 2013, p. 18)

Os meios comunitários de comunicação e os projetos de extensão, desta forma, resgatam um viés pedagógico e educativo sob inúmeros aspectos. Durante as ditaduras militares latino-americanas dos anos 1960 a 1980, o jornalismo procurou resgatar sua função social, aquela comprometida com o fortalecimento da democracia. Este resgate culminou com o surgimento do jornalismo comunitário e alternativo, um jornalismo pautado pelos interesses da comunidade, como espaço de expressão de seu cotidiano e instrumento de educação e mobilização.

Ao se voltar para a realidade social, os projetos de extensão acadêmica acabam por voltar-se para as próprias práticas de jornalismo popular ou alternativo. Conforme reflete Peruzzo (2004), o campo da cultura e das experiências cotidianas híbridas e multiculturais exigem meios que incorram para além do entretenimento e da informação capitalista-globalizada, sem, contudo, olhar os grandes meios de comunicação como grandes vilões, mas como complementares e não excludentes.

Neste sentido, entendemos como importante a inserção dos jornalistas nas realidades nas quais estão inseridos, especialmente no contexto atual de produção do jornalismo, em que a internet contribui para modificar os cenários locais, nacionais e globais. De fato, é na proximidade que as pessoas se reconhecem, partilham seus problemas e suas alegrias e os mesmos ritos cotidianos. O jornalismo comunitário, entretanto, em contextos diversos que o impactam, mobiliza conteúdos de reconhecimento e representação coletivos, constroem e reconstróem identidades coletivas que moldam suas ações em torno de objetivos comuns: ao mesmo tempo em que posicionam o indivíduo em um lugar dentro do grupo constroem laços de reconhecimento e de representação deste grupo para a sociedade (WOODWARD, 2000; BAUMAN, 2003).

Na academia, em vista das diversas transformações sociais e tecnológicas ocorridas na sociedade, a perspectiva sobre a formação do futuro jornalista sempre recai nesta possibilidade emancipatória, na função social do jornalismo como lugar de defesa da democracia.

As ações extensionistas podem se configurar estratégias interessantes de evidenciar esta capacidade mobilizadora de um ideal de jornalismo que, a nosso ver, deve ser estimulado em sala de aula, uma vez que se torna muitas vezes o único momento de experiências diversas das difundidas pelo mercado profissional. A incursão dos estudantes nas realidades locais, aliada à experimentação de métodos, técnicas e formatos diversos do fazer jornalismo, pode possibilitar a responsabilização social e aprimoramento profissional dos discentes extensionistas, "o que promove a construção de um olhar mais comprometido com a diversidade, essencial para o desenvolvimento tanto do futuro pesquisador, bem como de um

profissional mais engajado, com visão mais holística e, sobretudo, relativizada” da realidade (FRANCO; MENESES, 2016, p. 166).

A extensão universitária, como atuação da universidade de levar o conhecimento produzido na instituição para a sociedade e ainda fomentar nos discentes e docentes o compromisso com a realidade local, aproxima-se dos valores mobilizados no jornalismo comunitário.

É preciso que sejam respeitados os direitos de cidadania e que se aumentem progressivamente os níveis de participação democrática da população. Esses níveis expressam-se em espaços públicos, consolidados em instituições que deem forma aos direitos humanos e ao exercício da participação cidadã, presentes nos conselhos, plenárias, fóruns e outras possíveis instituições a ser inventadas. Tudo isso compõe o universo da temática educação e movimentos sociais. (GOHN, 2011, p. 357)

Nesse sentido os jornais laboratórios e os projetos de extensão ligados aos cursos de jornalismo representam uma forma alternativa de comunicação, pois “o que caracteriza o jornal como alternativo é o fato de representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem” (PERUZZO, 2006, p. 08).

Apesar da validade de meios “comunitários” que prezam mais os conteúdos aderentes às localidades do que a participação ativa dos cidadãos em todos os processos do fazer comunicativo, há que se reconhecer que os meios de comunicação podem contribuir para a educação não apenas pelos conteúdos que transmitem, mas pelo processo de produção e difusão de mensagens que propiciam. (PERUZZO, 2006. p. 10)

Os projetos com tais características, portanto, exercem uma atuação social e se configuram como meios alternativos de ensino que buscam trazer os estudantes tanto para experimentar processos e técnicas mais próximos à realidade do mercado profissional quanto inspira a crítica e o comprometimento destes futuros profissionais. Estimulam, portanto, o entendimento dos processos e meios de comunicação de maneira dialética, entendendo-os como manifestações sociais, mediatizadas pela cultura. Seja a comunicação massiva ou a comunicação popular, ambas “não podem ser avaliadas como instrumentalizadas, onipotentes, isoladas nem opostas” (PERUZZO, 2004, p. 135).

3 ENSINO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL NOS PROJETOS DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DO JORNALISTA NA UFT

O Estado do Tocantins foi criado a partir da Constituição Federal de 1988 após diversos movimentos separatistas ocorridos no chamado Norte do Goiás. A sua capital, Palmas, foi, a partir daí, planejada e criada em 1989, mas, embora contemporânea, apresenta-se como um reflexo da histórica exclusão social brasileira. A cidade planejada passou (e passa) por um processo de urbanização que expulsa os mais pobres para a periferia caracterizado pela presença de forte exploração imobiliária, de espaços vazios em seu plano diretor e de áreas irregulares e mal ocupadas fora do mesmo. Em outras palavras, “a cidade totalmente planejada constitui-se no exemplo mais acabado do urbanismo moderno; porém, no Brasil, esses modelos não seguiram à risca os preceitos ditados pela escola modernista internacional” (SILVA, 2010, p. 15).

Dentro deste contexto, diversas histórias começam a se cruzar, iniciando, assim, a criação de símbolos da capital e do Estado. “Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8), o que não significa que estes sistemas contemplem todas as identidades locais, uma vez que tais símbolos foram forjados dentro de um processo de “substituição da memória histórica dos norte goianos por uma nova, voltada para os espaços de uma cidade planejada” (ANJOS, 2017, p. 93) e tendo o governo à época papel fundamental na escolha destes símbolos, com a reinvenção e legitimação de mitos políticos.

Dentro deste contexto, surge a Universidade Federal do Tocantins, que entrou efetivamente em funcionamento em 2003 com a posse dos primeiros docentes concursados; nasceu a partir de uma estrutura prévia e em pleno funcionamento da universidade estadual (Unitins) e com isso herdou sete *campi*, inúmeros cursos de graduação, dentre eles o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e um curso de Mestrado. O curso de Comunicação passou por uma reformulação em seu projeto pedagógico no ano de 2015 a fim de se adequar às Novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo, instituídas em 2013, e passou a funcionar como bacharelado em Jornalismo. Esta mudança trouxe consigo um apelo maior para a formação técnica da área.

O curso, contudo, manteve certa periodicidade na realização de projetos e eventos de extensão. Estes projetos de extensão tem sido implementados no curso de Jornalismo, por um lado destacando certa predisposição à extensão acadêmica do curso, por outro demonstrando uma necessidade vislumbrada por docentes e discentes de explorar a realidade sociocultural na qual estão inseridos, especialmente a de conhecer e dar mais visibilidade às culturas tradicionais e comunidades subalternas, mas que encontram seus próprios meios e táticas (DE CERTEAU, 1994) de se expressar, explorar a realidade e realizar intercâmbios cotidianos. Estas disciplinas também têm motivado a realização de Pesquisas de Iniciação Científica, Trabalhos de Final de Curso (TCC), seja monografia ou projetos experimentais, além de motivar projetos de alunos egressos que ambicionam cursar mestrado acadêmico.

Destacamos projetos vinculados às disciplinas Jornalismo e Cidadania, Fotojornalismo e Folkcomunicação, devido à recorrência de tais projetos e ao recorte dado às ações diretamente vinculadas ao ensino. Cabe salientar que, além do corpus apresentado neste trabalho, outras disciplinas vêm, também, se comprometendo com a inserção na cultura contemporânea local, como, por exemplo, a disciplina optativa Introdução ao cinema, que desenvolveu produtos que mobilizaram a identidade de comunidades tocantinenses; a experiência com a editoria Comunidade do Jornal-Laboratório Bateia, a qual tem o objetivo de produzir material jornalístico sobre comunidades periféricas de Palmas; dentre outras disciplinas e projetos/programas que se dedicaram a promover a comunicação junto à sociedade. Dentre estes projetos destacamos o Seminário Nacional de Arte, Comunicação e Cidadania, ou Seminário de Natividade, que teve 10 edições em que se mobilizou docentes e discentes do curso de Comunicação e de outros cursos e campi da UFT, a comunidade da cidade histórica de Natividade, entre outros atores sociais em torno da cultura popular como expressão da identidade e da mobilização social.

3.1 JORNALISMO E CIDADANIA

Nas disciplinas Comunicação Comunitária e Jornalismo e Cidadania, levando em consideração as turmas ministradas pela professora Verônica Dantas, desde 2009,

foram realizados eventos como parte da finalização da disciplina, desenvolvendo cursos, oficinas entre outras atividades para comunidades do Estado, ou o planejamento de produtos jornalísticos e artigos científicos. Esta ação segue o propósito de que o estudante conheça e reflita sobre o cotidiano e a história da comunidade onde irá atuar, especialmente os contextos voltados às formas de transmissão de informações. Contudo, apesar de ser estimulada aos alunos a realização desta atividade prática, nem sempre as turmas concebem realizá-la devido a vários fatores, entre eles a falta de recursos, de tempo disponível - uma vez que, especialmente nas turmas do turno noturno, a maioria dos alunos trabalham, entre outros.

O projeto de extensão Comunicação e Comunidades foi, neste sentido, criado para organizar estas ações de extensão na disciplina, que promoveu ainda produtos de comunicação/jornalismo como videodocumentários, artigos científicos e seminários com palestras e oficinas ministradas pelos alunos a grupos comunitários. Foram desenvolvidos desde temas focados nos movimentos sociais e outras organizações do terceiro setor, a partir de sua inserção social e na comunicação, até aspectos voltados à cultura popular, à diversidade social e cultural do Estado.

A oportunidade de vivenciar, junto à comunidade de Príncipe, dias tão especiais como os dois do Festejo de São João foram de grande valia para a equipe. Conhecer a realidade do povoado, conversar com quem acompanha o crescimento, mesmo que a passos lentos, daquela vila que apesar de sua humildade e aparente carência tem forças para realizar um evento baseado na união de vários que trabalham com afinco para que tudo saia na mais perfeita ordem, respeitando-se a tradição que vem dos antepassados.

A experiência de conhecer a realidade e a força de vontade demonstrada deu um impulso para que nenhum momento da festa fosse, por nós, perdido.

Inúmeras impressões podem aqui ser elencadas, dentre as mais relevantes podemos citar, o envolvimento da comunidade, o respeito entre si inclusive quando não se comunga da festa, como é o caso dos evangélicos, a alegria do povo é impossível de não ser lembrada, bem como a devoção evidenciada.

Enfim podemos concluir que a própria comunidade foram os atores. Protagonistas, coadjuvantes porém não se percebe quem será o antagonista da trama, já que todos contribuíram e se dedicaram em fazer o melhor para que a oportunidade de ter sua tradicional cultura retratada e imortalizada através das lentes das câmeras que mais tarde transmitiriam a mensagem de devoção e fé a quem quisesse ver. A própria comunidade dirigiu as cenas, tendo em vista, o cumprimento fiel aos rituais propostos para a festividade de São João (RIBEIRO et al, 2011, s/p).

O relato acima nos revela certo amadurecimento no olhar dos estudantes sobre as realidades e, ao mesmo tempo, uma estratégia de ensino com produção audiovisual voltada para princípios mais etnográficos, nos quais se verifiquem os próprios retratados como sujeitos atuantes no processo.

3.2 FOTOJORNALISMO

A disciplina Fotojornalismo I, ministrada pelo professor Fábio D'Abadia, tem explorado o olhar sobre a realidade social, ambiental e cultural da região, expressando por meio das fotos produzidas pelos alunos problemas sociais, mas também as belezas naturais peculiares ao Tocantins.

A experiência em ir até as comunidades tocantinenses desde 2003 tem acumulado histórias enriquecedoras, pois apresenta aos alunos comunidades diversas e

plurais especialmente afastadas da capital, seja territorial ou socialmente. Eles observam características do local, o cotidiano, a hospitalidade, o respeito e mesmo o carinho com que as pessoas destas comunidades recebem professores e alunos da Universidade. Nas exposições realizadas após as viagens o foco é levar para a comunidade universitária um pouco das realidades destas comunidades muitas vezes esquecidas, comunidades que não são notadas pelos outros, e das impressões que ficam marcadas no olhar de muitos alunos que passaram pela experiência por meio da fotografia.

Eu achei uma experiência incrível. Pude conhecer pessoas com o pensamento totalmente diferente do meu. Apesar de estar dentro do mesmo estado, a sensação que eu tive foi que a cultura é outra.

Recentemente passamos pelo povoado Lagoa Azul, onde infelizmente a pequena população de lá tem condições inferiores de vida, mas pelo que demonstraram eles lutam para ter uma vida pacata e feliz, sem a necessidade do consumismo das cidades grandes.

Percebi também que algumas cidades pequenas acabam sendo esquecidas pelo poder público, talvez pela não capacidade de cobrança da população, talvez também pela própria história de luta do povo de lá.

Enfim, a aprendizagem maior foi o valor das pequenas coisas, coisas essas essenciais em toda comunidade, como o trabalho coletivo, a ajuda ao próximo, a partilha dos alimentos... (DEPOIMENTO DE UMA DISCENTE EXTENSIONISTA, 2018).

Assim, a fotografia se mostra com este poder de tornar visíveis estes grupos, de tornar presença a estes grupos que são "não presença". O contato é, portanto, enriquecedor para os dois lados, pois os alunos ficam felizes e se sentem mais completos como pessoas e como futuros jornalistas, e estas comunidades demonstram carinho pela importância que a universidade demonstra ao "enxergar" estas pessoas.

3.3 FOLKCOMUNICAÇÃO

A disciplina Folkcomunicação, ministrada pelo professor Wolfgang Teske, também tem estimulado o olhar atento do estudante de jornalismo sobre aspectos de expressão e sociabilidade encontrados nas manifestações culturais tradicionais populares de comunidades de Palmas e de outros municípios. Foram exploradas, neste sentido, imersões dos alunos nas manifestações populares a partir do olhar da comunicação, em que foram produzidos especialmente produtos como documentários audiovisuais e relatórios, desde 2016.

Dentre algumas das atividades da disciplina podemos citar: Estudo de caso folkcomunicacional no Cemitério Jardim das Acácias, Palmas, no qual foi analisada a comunicação existente na arquitetura tumular, placas, painéis, lápides e outros detalhes comunicativos no local, com destaque para o monumento e área de sepultamento dos pioneiros da cidade; o produto final contou ainda com entrevistas com pessoas que visitaram o Cemitério no dia de Finados em 2016, objetivando entender os significados sobre a morte, dos rituais de acender velas, fazer orações ou preces, dos gestos, do contato com o espírito dos falecidos, no entender dos entrevistados se há algum tipo de interferência por parte destes, e qual a recompensa do ato de ir ao Cemitério.

Outros projetos foram o levantamento e análise de grafites, pichações e frases escritas nos muros e paredes da cidade de Palmas; análise de Literatura de Cordel em Palmas; reflexões sobre os símbolos no asfalto e beira de estradas, avenidas e rodo-

vias, tais como: cruzeiros, flores, pinturas entre outros, notadamente marcações que lembram pessoas que faleceram naqueles locais em acidentes de trânsito; a análise da música regional do Tocantins; análise do Folkmarketing nas ruas de Palmas; registros e reflexões sobre tatuagens; análise dos símbolos dos totens da *Via Crucis*, na praça pública do Santuário de Fátima, onde estão mesclados símbolos sacros com representações regionais da arquitetura, religiosidade, paisagem do cerrado e atividades do povo interiorano e de sua lida no campo; análise das placas identificadas nas mudas das árvores plantadas na Praça República da Eslováquia, na quadra 208 Sul, Palmas, com o nome e idade dos responsáveis pelo plantio, notadamente crianças; análise do Movimento das Crespas de Palmas e manifestações populares religiosas na cidade.

Além disso, percebemos com as atividades que se seguiram, especialmente o aumento na produção de monografias sobre temas imbricados aos estudados na disciplina, como estas experiências geraram um espírito mais crítico do aluno, obviamente, numa análise geral. Outro ponto interessante das experiências é a difusão dos resultados dos projetos, seja na exposição de fotografias para a comunidade acadêmica, na produção de documentários audiovisuais ou mesmo com a produção de artigos científicos divulgados em congressos, seminários e revistas científicas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este *paper* refletiu sobre as práticas de ensino e extensão universitárias e seu uso potencial tanto para a percepção de novos (ou não) problemas de pesquisa quanto para a formação profissional do jornalista. Verificamos que os mídia na atualidade tem fortalecido, paralelo às consequências globais dos novos processos de comunicação e informação, sua estrita relação com os conceitos de comunidade e acabam dentro de processos de trocas. E esta relação deve fazer parte da formação do futuro jornalista. Assim, o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins tem desenvolvido alguns projetos comunitários e de extensão com vistas à articulação do ensino com as realidades locais, por meio de incursões e intervenções que enfocam as identidades, a cultura e o desenvolvimento regional.

A partir das análises de projetos de extensão e de ensino-extensão realizados nas disciplinas Comunicação Comunitária (atualmente substituída por Jornalismo e Cidadania a partir da atualização do projeto pedagógico e adequação às Novas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Jornalismo), Fotojornalismo e Folkcomunicação (esta optativa) pudemos observar que tais projetos se estreitam com o jornalismo comunitário, alternativo ou popular. Por isso, mesmo, a presença de vários atores sociais nestas ações de comunicação voltados a comunidades contribui para dinamizar os discursos e ampliar os repertórios culturais locais e que nem sempre estão presentes nos discursos oficiais, seja da própria universidade ou dos meios de comunicação e informação.

Tomando como referência os projetos explicitados, é primordial que se fomente a participação gradativa da comunidade a fim de que os sujeitos exerçam sua emancipação. A partir da análise das atividades de extensão implementadas em disciplinas do curso de Jornalismo observa-se que são reforçados a percepção de docentes e discentes de uma recuperação da função social da área bem como o inerente comprometimento (ideal) da Universidade com a realidade social, demonstrando certa potencialidade do curso de jornalismo com este dever. Os projetos funcionam ainda como *feedback* da Universidade à comunidade. Cabe ressaltar que o curso se destaca como um dos que mais implementavam atividades de extensão na UFT, sejam liga-

das a disciplinas ou como projetos independentes. Neste sentido, as ações constituem um encontro de docentes e discentes com a ideia de reciprocidade da dádiva, que está imbricada na etimologia de comunidade.

Cabe salientar que as mediações são inúmeras quando se discute educação, identidades culturais e construção de espaços participativos, e uma delas é a mediação da competência cultural, para utilizarmos o termo cunhado por Martim-Barbero, em *Dos Meios às Mediações*. Os responsáveis por ONG's e pelas ações de extensão universitária devem primeiramente entender e em seguida estimular o próprio protagonismo dos públicos com os quais trabalham para que eles próprios elejam suas prioridades a fim de evitar que os realizadores do projeto sejam incumbidos de dizer o que a comunidade queria ver no seu próprio meio de expressão.

De maneira geral, os produtos construíram espaços de discurso no sentido de fazer um resgate da história e cultura e das demandas principais das comunidades e, mais do que isto, promoveram espaços de socialização de repertórios que os atores participantes dos processos compartilharam. Isto é o que possibilita, mesmo que não intencionalmente, a criação e/ou reforço de laços de pertencimento e de maior visibilidade destes grupos na esfera pública ou simplesmente nas percepções dos futuros formadores de opinião.

A extensão, por sua vez, contribui para um aperfeiçoamento profissional, ético e social do estudante. Mas as observações aqui apresentadas também apontam para entraves. Além da dificuldade de recursos, até porque muitas vezes falta compreensão de gestores públicos sobre a natureza da extensão, somam-se as dificuldades de se sair da sala de aula, a limitação de tempo inerente a um projeto externo atrelado a uma disciplina bem como a descontinuidade do processo uma vez que a turma se refaz a cada semestre, além das limitadas concepções/ações dos processos de ensino-aprendizagem e avaliação dos resultados devido às múltiplas atribuições dos docentes. Sob outro aspecto, a dificuldade de garantir que a comunidade tenha algum nível de participação, nos três níveis de implantação dos projetos - no planejamento, na efetiva execução e na avaliação, é outro desafio apresentado.

24

REFERÊNCIAS

ANJOS, A. C. C. dos. **Do girassol ao capim dourado**: apropriação e resignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DE CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. v. 1. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1994.

DISCENTE EXTENSIONISTA. Informação verbal. Entrevista concedida em maio de 2018

ESPOSITO, R. *Communitas: Origène et destin de la communauté*. Paris: PUF, 2000.

FRANCO, C. F. M.; MENESES, V. D. Jornalismo e cultura: uma experiência de ensino e extensão universitária. *ECCOM*, v. 7, n. 14, pp. 155-168, jul./dez. 2016.

GOHN, M. G. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, vol.16, n.47, pp.333-361, mai./ago. 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: COSACNAIFY, 2003.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. *Interfaces - Revista de Extensão*, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília, DF, Brasil, 2006.

RIBEIRO, C. et. al. Relatório final do Projeto Um dia de Príncipe. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2011. Mimeo.

SILVA, V. C. P. da. **Palmas, a última capital projetada do século XX**: uma cidade em busca do tempo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do Jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

XAVIER, C.; BRONOSKY, M. E. Formação superior em Jornalismo e os desafios da prática do jornal-laboratório. *REBEJ - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, v. 6, n. 19, pp. 177-190, jul./dez. 2016.